

Como está sendo a formação dos futuros professores dos cursos de licenciatura da UNILAB para lidar com alunos surdos?¹

Bianca Dos Santos Marques²

Vanessa Teixeira De Freitas Nogueira³

Resumo: É sabido que a grande maioria dos jovens surdos sofre com a realidade excludente das escolas brasileiras. No entanto é perceptível que uma das *raízes* desse problema está no processo de formação do professor. Este estudo objetiva compreender, a partir das percepções dos discentes dos cursos de licenciatura, o processo de preparação/ formação que a UNILAB oferta destinada à educação inclusiva, especificamente, ao público surdo, ou seja, se os futuros profissionais são preparados para lidar com o aluno surdo quando estiverem em sua área de atuação. Para tanto, foram realizadas entrevistas com uma amostra composta por um estudante de cada curso de licenciatura (Biologia, Química, Física, Matemática, Letras, Pedagogia, História e Sociologia), as entrevistas foram realizadas por meio de um roteiro de entrevista estruturado com dez perguntas de caráter subjetivo. Após a análise dos resultados, foi percebida que a universidade, não proporciona aos seus discentes a capacitação necessária para atender ao público surdo de forma adequada. Espera-se, com esse trabalho, chamar atenção das pessoas para essa questão, a fim de fazê-las indagar sobre seu papel como discente e como futuro profissional que atenderá a uma imensa diversidade de pessoas, com deficiência ou não, mas que exige preparação adequada.

Palavras-chave: Ensino/aprendizagem. Exclusão. Formação. Surdo.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

² Discente do Curso de Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. E-mail: marquesb735@gmail.com

³ Docente de Libras - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB; Coordenadora dos projetos Laboratório de Libras e Conversação em Libras.

Abstract: It is known that the vast majority of deaf youths suffer from the excludent reality of Brazilian schools. However, it is noticeable that one of the roots of this problem is in the teacher's training process. This study aims to understand, based on the perceptions of the students of the undergraduate courses, the process of preparation/ formation that the UNILAB offer destined to inclusive education, specifically, to the deaf public, that is, if future professionals are prepared to deal with the deaf student when they are in their area of action. To do so, interviews were conducted with a sample consisting of one student from each undergraduate course (Biology, Chemistry, Physics, Mathematics, Letters, Pedagogy, History and Sociology), the interviews were conducted through a roadmap of structured interview with ten questions of subjective character. After analyzing the results, it was perceived that the university does not provide its students with the necessary training to serve the deaf audience appropriately. It is hoped, with this work, to draw people's attention to this issue, in order to make them inquire about their role as students and as a professional future that will meet an immense diversity of people, with disabilities or not, but requiring adequate preparation.

Keywords: Teaching/ learning. Exclusion. Training. Deaf

INTRODUÇÃO

Nos anos 90, ocorreu uma explosão de políticas voltadas para inclusão da pessoa com deficiência ou com características não normativas, visando equiparar os direitos desses indivíduos com o restante da sociedade. Embora seja uma boa proposta, não foram disponibilizados meios para que essa prática se concretize, ou seja, foram expandidas políticas objetivando a inclusão, mas não foram dados meios para que a mesma seja efetivada, para que de fato ocorra a integração, mobilidade e igualdade. Tornou-se uma teoria sem a prática. Um bom exemplo do que foi dito é o que a comunidade surda tem enfrentado diariamente nas

escolas públicas brasileiras. No ano de 2003, o Ministério da Educação, criou o programa: Direito à Diversidade, com o intuito de compartilhar conceitos, informações e metodologias no campo da educação especial. O documento *O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns na Rede Regular* (2004) foi um passo importantíssimo, mas que também é um exemplo de política que cria projetos e leis e que não dá os instrumentos necessários para sua efetivação. As escolas da maioria dos municípios brasileiros não dispõem de todos os meios para dar a devida atenção aos alunos surdos.

É perceptível que muitos jovens surdos sofrem com a desigualdade no processo ensino/ aprendizagem, fato que se torna visível se comparar duas crianças, uma surda e outra ouvinte, que ingressam na pré-escola com desenvolvimento cognitivo semelhante e que ao final dessa etapa se distanciam no que diz respeito a conhecimento. A maioria desses jovens sofre com realidade excludente das escolas públicas brasileiras, grande parte não consegue concluir o ensino básico, conseqüentemente o ingresso na universidade torna-se mais difícil, bem como no mercado de trabalho, tornam-se mais uma parcela da sociedade que não tem seus direitos respeitados e não conseguem uma ascensão econômica relevante, pois a deficiência seja ela qual for gera preconceito e exclusão.

Isso nos leva a pensar que o problema está na escola, mas fazendo uma observação mais minuciosa vê-se que uma das *raízes* dessa adversidade é formação dos professores, pois, quando alunos, não são providos de um ensino mais aprofundado sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras (segunda língua oficial brasileira) possuindo apenas noções muito básicas que uma criança consegue aprender rapidamente e que não o capacita para incluí-la em sala de aula, muito menos lhe repassar conhecimento. Essa falta de especialização dos professores acarreta vários problemas que seriam minimizados se eles a possuíssem, como a exclusão do aluno em sala de aula, o não acesso a uma educação igualitária para ouvintes e não ouvintes e

até mesmo torna-se um dos vários motivos que explicam os baixíssimos índices de alunos surdos nas universidades públicas.

A maioria das escolas não dispõe do profissional intérprete de Libras, tornando o professor o único responsável por formar, ensinar, incluir e dar a devida atenção para os alunos surdos, bem como para os demais alunos. Partindo desse pressuposto, vê-se o quão importante é a formação de um profissional que além da sua especialidade tenha uma boa qualificação em Libras. Um professor capacitado para proporcionar um aprendizado de qualidade para o aluno surdo o faz crescer em igualdade aos não surdos.

Como visto, as políticas públicas que incluem são as mesmas que excluem e que tornam os surdos únicos responsáveis pelo seu sucesso ou fracasso. A cobrança pelo alto desempenho, que objetiva apenas a assimilação de conteúdo pedagógico e que exige por parte do aluno alto rendimento, forma um cenário com obstáculos muitas vezes intransponíveis para a inclusão. A escola como uma das responsáveis por construir cidadãos tem papel fundamental na formação e desenvolvimento dessas pessoas. A criança ouvinte inicia o processo de aprendizagem, desde o seu nascimento através de relacionamentos interpessoais, da própria escola e pela linguagem; já a criança surda adquire tais valores e aprendizados na escola (Moura 2004). Visto que a criança surda precisa de um sistema educacional que atenda as suas necessidades, a instituição a qual ela está vinculada deve prestar total assistência, com boa estrutura física, material adequado e professor bem preparado para lidar com alunos especiais, geralmente em escolas da rede pública, não é assim que acontece.

O art. 59, inciso III, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, diz que os sistemas de ensino têm que assegurar aos discentes com necessidades especiais “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses

educandos nas classes comuns” (1996). De acordo com Saviani (2008), o papel do professor nesse processo de inclusão é fundamental, uma vez que, ele é o mediador do processo ensino/aprendizagem. Sendo assim, o professor deve estar bem preparado para conseguir suprir as necessidades e/ ou limitações que dificulte o processo de aprendizagem dos alunos surdos.

Acreditando que o trabalho do professor além de ensinar é de também incluir, foi desenvolvido o presente artigo cujo tema é: Formação de professores ouvintes pela UNILAB no processo de ensino/ aprendizagem de alunos surdos. Dessa forma o artigo traz como objetivo geral analisar se os futuros professores são capacitados para lidar com a surdez em sua área de atuação, tal como, os objetivos específicos: compreender qual é a visão dos futuros docentes quanto ao seu papel no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo; analisar como a grade curricular dos cursos de licenciatura está incluindo disciplinas que auxiliam a formação do professor para lidar com alunos surdos.

O presente artigo se divide em três tópicos que facilitará a compreensão do mesmo. No primeiro tópico as reflexões giram entorno do ensino da Libras e da diferença entre surdo e deficiente auditivo, o segundo, mostra como se dá o processo de capacitação do professor nos cursos de licenciatura, quando se fala do ensino da Libras, seguido pela metodologia utilizada, análises dos resultados e considerações finais.

1 DISCUSSÃO TEÓRICA E/OU REVISÃO DE LITERATURA

1.1 O ensino da Libras

É importante, antes de tudo, compreender a diferença entre surdo e deficiente auditivo, segundo Sales, o indivíduo com incapacidade auditiva é aquele cuja percepção de sons não é funcional na vida comum. Aquele cuja percepção de sons ainda que comprometida, seja

funcional com ou sem prótese auditiva, é chamado de pessoa com deficiência auditiva, ou seja, essa nomenclatura é atribuída a partir de uma análise clínica.

Já para Campos (2014, p. 48) o surdo é “[...] aquele que apreende o mundo por meio de contatos visuais, que é capaz de se apropriar da língua de sinais e da língua escrita e de outras, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento cognitivo, cultural e social.”.

Dessa forma, entende-se que deficiência auditiva é uma limitação, impedimento ou incapacidade que um indivíduo possui ou adquira no decorrer de sua vida, já a surdez considera o indivíduo com diferença linguística e, por conseguinte, cultural. Concluí-se então, que o surdo possui capacidade suficiente de se desenvolver e aprender, assim como os ouvintes, logo se deve respeitar suas particularidades linguísticas e culturais.

A adoção do termo adequado, surdo ou deficiente auditivo, é mais uma questão que surge nesse debate. Para afirmar qual é a melhor terminologia é importante ressaltar que o que pode incomodar de alguma forma a um indivíduo, não necessariamente irá incomodar ao outro. A expressão deficiente auditivo é um termo médico, por isso pode remeter o sentido de doença para alguns, gerando desconforto. O termo surdo retrata um indivíduo que compartilha e se inclui a um grupo que utiliza a língua de sinais e não se vê como doente marcado pela perda da audição. Segundo Cardoso, (2016, p. 05) O termo *surdo* é largamente utilizado pelos pesquisadores e membros do corpo social surdo, pois como observamos alguns estudiosos os coloca como sendo parte dos signos e ideais defendidos por eles (surdos). Então julgamos que o termo adequado para se dirigir à comunidade surda, é *surdo*.

Foram usadas diversas metodologias para a inclusão do indivíduo surdo no sistema educacional: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. O oralismo vê a surdez como uma doença, por isso visa a reabilitação da criança surda (Goldfeld, 2002). Neste aspecto, a

estimulação auditiva é necessária no aprendizado da língua portuguesa. Com isto, a criança surda se integraria à comunidade ouvinte compartilhando da mesma identidade.

A comunicação total, segundo Stewart (1993), é o método que utiliza todas as formas de comunicação possíveis, com o intuito de oportunizar o direito a escolha da modalidade preferida de expressar-se.

O bilinguismo para os surdos promove o ensino de duas línguas: a língua de sinais por ser sua língua natural e a língua oficial do país (Brasil), (a Língua Brasileira de Sinais e o Português) (Lacerda, 1998). Dessa forma, ao adquirir conhecimento sobre a língua de sinais a criança poderá desenvolver suas competências e capacidades linguísticas para auxiliar no aprendizado de uma segunda língua, tornando-se bilíngue. O propósito de ser ofertada uma educação bilíngue é que possa possibilitar ao aluno surdo acesso as duas línguas, Libras e a língua Portuguesa para que possa que o mesmo possa sentir-se incluso nos dois grupos de praticantes.

Alguns estudos mostram que os surdos conseguem adquirir com mais facilidade e rapidez a língua de sinais, permitindo o acesso a uma linguagem eficiente e completa como a desenvolvida pelos indivíduos ouvintes, além de possibilitar ao surdo o desenvolvimento social e cognitivo mais adequado e mais compatível com a sua faixa etária.

“O modelo de educação bilíngue contrapõe-se ao modelo oralista porque considera o canal visogestual de fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda. E contrapõe-se à comunicação total porque defende um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional; por isso advoga que cada uma das línguas apresentadas ao surdo mantenha suas características próprias e que não se ‘misture’ uma com a outra.” (Lacerda, 1998, p. 10).

A Língua Brasileira de Sinais é uma forma de comunicação gestual utilizada pela maioria dos surdos. A Libras não se trata, como muitos pensam, de mímicas ou gestos aleatórios, como meio de comunicação para com pessoas surdas, trata-se, porém, de uma língua estruturada com gramática própria. Os sinais são construídos combinando a movimentação e a forma das mãos com o ponto do corpo e/ ou espaço onde esses sinais são feitos. A Língua Brasileira de Sinais se originou a partir da Língua de Sinais Francesa. As línguas de sinais são singulares, cada país dispõe da sua própria língua, embora seja uma língua considerada por muitos, nova, detém de um vasto vocabulário. Por meio da Libras pode-se debater Política, Economia, Matemática, Física, Psicologia entre outros (Quadros e Karnopp 2004). Além disso, como qualquer outra língua, possui dialetos ou regionalismos, ou seja, algumas expressões diferem de região para região, legitimando a língua de sinais como língua afim de qualquer outra falada.

Quadros e Karnopp (2004, p. 35) alertam que: “A alegação de empobrecimento lexical nas línguas de sinais surgiu a partir de uma situação de intolerância em relação aos sinais na sociedade, em especial na educação.” Por conseguinte, é necessário romper com toda e qualquer espécie de pensamento que advenha de estigmas e estereótipos, já que não são justos e desenrolam máculas sociais, cada língua tem suas regras e elementos de construção, que devem ser repetidos e assegurados. A Libras é a segunda língua oficial brasileira, assim sendo, deve ocupar o espaço que lhe foi dado, sendo por sua vez, respeitada e praticada como a Língua Portuguesa (1º língua oficial) é. No processo de educação a Libras deve ocupar lugar de destaque não só para alunos surdos, mas também para alunos ouvintes, já que um dos maiores objetivos do sistema educacional brasileiro é incluir e formar cidadãos.

A promulgação de leis e a obrigatoriedade de matrícula em instituições de ensino regular, sem dúvida são medidas essenciais, porém, ainda não são suficientes para que a

inclusão, integração e formação de qualidade se efetivem para alunos surdos, infelizmente as escolas ainda não conseguem resgatar a dignidade e possibilitar novas perspectivas, abrir novos horizontes para alunos com surdez.

Para que a inclusão do surdo seja efetiva, não basta apenas ter um intérprete em sala de aula, é mais que isso, é necessário adequar o currículo de forma didática e metodológica, onde o professor que se torna o principal ator nesse processo esteja bem preparado com especializações na Libras, o mesmo deve conhecer os tipos de surdez, deve saber agir a favor da inclusão para que ouvintes e surdos não sejam prejudicados, bem como estar totalmente capacitado para atender as necessidades de seus alunos e guiá-los no processo de aprendizado.

2 A CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR EM LIBRAS NOS CURSOS DE LICENCIATURA

Na UNILAB, dos oito cursos de licenciatura ofertados, todos possuem em sua grade curricular a disciplina de Libras, apenas nos cursos de Sociologia e Química a disciplina é disponibilizada no sexto semestre, nos demais cursos são disponibilizadas no oitavo semestre, todas com carga horária de 60 horas/ aula. É possível deduzir que a disciplina não consegue capacitar esses futuros professores por possuírem uma carga horária mínima.

“No decreto nº 5.626/05, não há menções sobre o formato que a disciplina LIBRAS deve assumir nos cursos de formação de professores no que se refere a quem poderá lecionar tal disciplina, a carga horária que em alguns casos é muito curta ficando aos alunos a busca por mais conhecimentos acerca da Libras; aos objetivos já que se trata de uma língua visuo- espacial prioriza-se os conhecimentos teóricos ou práticos.” (Rossi, 2010, p.82-83).

É sabido que essa é a realidade de muitas universidades públicas brasileiras, como o decreto citado não informa qual deve ser a carga horária a ser adotada muitas são comprimidas ao máximo.

Junto ao processo de inclusão, a dificuldade que os professores têm para trabalhar com alunos com necessidades especiais é crescente (Oliveira 2012), sendo assim vem à tona outro ator que tem papel importantíssimo para a inclusão dos alunos surdos em sala de aula, seus colegas, ouvintes. Nesse processo a empatia dos demais colegas para o aluno surdo não só deve ser algo presente, como é algo necessário para que a inclusão e a integração de fato se estabeleçam. Pela proximidade que existem entre colegas de turma, existe uma maior facilidade de contribuição para o processo de aprendizagem de ambos, portanto os alunos ouvintes se tornam os principais aliados do professor em sala de aula.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a realização do estudo foi utilizado o método de pesquisa qualitativo que se atenta para a subjetividade para compreender e analisar o objeto analisado. As entrevistas realizadas tiveram o roteiro estruturado com dez perguntas abertas que foram aplicadas aos discentes da UNILAB a fim de coletar as informações necessárias acerca da preparação que os mesmos têm para lidar com alunos surdos quando estiverem atuando em escolas de nível básico.

A pesquisa foi desenvolvida nos dois campi da UNILAB, na Unidade Acadêmica dos Palmares localizada na Rodovia CE 060, Km 51, Acarape - CE e no Campus da Liberdade, localizado na Avenida da Abolição, 3 – Centro, Redenção - CE. Os colaboradores da pesquisa foram discentes dos cursos de licenciatura da UNILAB (Ciências Biológicas, Matemática, Química, Física, Sociologia, História, Pedagogia e Letras). Totalizando oito participantes. A

escolha das amostras para a pesquisa levou em consideração os discentes que estão próximos à conclusão de seu curso, conseqüentemente mais próximos do mercado de trabalho e os discentes que já cursaram a componente curricular de Libras.

Após a coleta de dados e obtenção das informações necessárias, a partir das respostas analisadas observamos se os discentes estarão aptos a trabalhar com deficientes auditivos severos quando formados, bem como se os mesmos detém do conhecimento básico/intermediário na Libras, além de averiguar como os mesmos se sentem ao serem questionados sobre tal assunto.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida e aplicada através de um roteiro de entrevista estruturados com dez perguntas de caráter subjetivo, para uma amostra de alunos dos cursos de licenciatura, (Biologia, Química, Física, Matemática, Sociologia, Pedagogia, Letras e História), os participantes não serão identificados, mas serão representados pelo curso a qual estão vinculados. Foram obtidas as seguintes informações, (serão adicionados os dados considerados mais relevantes para a pesquisa):

4.1 A disciplina LIBRAS na UNILAB e a capacitação do futuro professor

- Você tem domínio da Libras?

O discente da Letras pontua: *“Não. Embora eu já tenha cursado a disciplina de Libras, bem como já tenha feito cursos online e o curso de noções básicas, oferecido pela Unilab, não tenho domínio.”* (2018). O colaborador da Sociologia complementa: *“Pela preparação que tenho não me sinto preparado para lecionar”.* (2018)

- Em sua opinião, a universidade te capacitou como deveria para atuar com o público surdo?

O discente da Letras alega que:

Nossa licenciatura dispõe de apenas uma disciplina de 60 horas em Libras. É impossível se capacitar em 60 horas, apenas aprendemos noções básicas, quebramos mitos sobre a referida língua e aprendemos um pouco da história dos sujeitos surdos. (2018)

Esse aprendizado sobre a Libras tem sido de grande valia para a desconstrução de mitos ainda presentes na sociedade, o entrevistado da Sociologia afirma essa desconstrução quando relata: *“(...) foi a primeira vez que tenho contato com esse mundo, e hoje não consigo ver surdos como pessoas doentes como via antes.”*(2018), o colaborador da Biologia afirma que: *“Não. As licenciaturas ainda estão presas a doutrinar os futuros professores como meras máquinas de repasse de conteúdo, e dão pouco aporte para a prática em diversas metodologias.”*(2018), o participante da Matemática afirma que: *“Com certeza, não!”*.(2018)

- Você considera a disciplina de Libras suficiente para te preparar para o mercado de trabalho?

O colaborador da História alega que: *“De forma nenhuma, uma disciplina que você costuma ver nas universidades de no máximo 90h não é suficiente pra quase nada e se torna totalmente insuficiente.”* (2018), além disso, o discente da Química diz que: *“Não, é um sistema muito complexo para uma carga horária de curso muito pequena”* (2018), o colaborador de Letras completa: *“Não. Apenas nos fornece subsídios introdutórios”*. (2018)

4.2 A preparação do futuro professor para a inclusão do aluno surdo

- Como você enxerga o papel do professor ouvinte para o processo de ensino/aprendizagem de alunos surdos?

Percebe-se a partir das respostas, que o professor é peça fundamental para esse processo, o discente de Química relata *“Ele é essencial por ser o responsável pela mediação dos conhecimentos para com esses alunos.”* (2018). O participante da Letras afirma que o professor:

Deve assumir um compromisso de buscar meios de incluir esses alunos na sala com os outros alunos ouvintes, de modo que haja uma integração, o professor enquanto mediador do conhecimento deve buscar formas de fazer uma transposição didática, na qual, o aluno surdo possa compreender e participar ativamente das aulas, como forma de inclusão e de o aluno se apropriar dos conhecimentos ensinados, formando-se então pessoas capazes de se comunicar e de se integrar a sociedade. (2018).

O entrevistado da História complementa que *“A grande maioria dos professores ouvintes não tem se quer o domínio básico de Libras o que dificulta imensamente a transmissão do conhecimento para o surdo o que acaba de fato gerando exclusão”* (2018). O papel do professor além de ensinar é de também estimular as potencialidades de seus alunos, dentro dos aspectos socioculturais e existências.

- Você se sente preparado para ensinar para alunos com deficiência?

O participante do curso de Sociologia diz: *“Acredito que não, porque estudar Libras apenas num semestre e sem prática não tem como ter domínio.”* (2018). A resposta dada por ele mostra que é necessário rever a carga horária desta disciplina, tendo em vista a importância que a mesma possui para formar um bom profissional, que preze pela educação inclusiva, que faça diferença no meio em que vive podendo desse modo, tornar o ensino da rede pública menos excludente, ainda sobre essa questão o discente da Física afirma: *“No momento atual, não.”* (2018), o colaborador da Biologia relata que: *“Não. Pois não possuo formação necessária para atender alunos com esse tipo de deficiência.”* (2018).

- Qual seria sua reação ao conseguir seu primeiro emprego e já se deparar com um aluno surdo em sala de aula?

A partir dessa projeção do futuro, os discentes da Química e da Física, tiveram respostas parecidas, respectivamente: *“Me sentiria incapaz de me comunicar adequadamente com ele, mas tentaria buscar uma forma de poder instruí-lo”* (2018); *“Acredito que eu iria fracassar.*

Espero que com o contato com a Libras isso mude” (2018). O que foi percebido dentre as resposta foi que embora não possuíssem propriedade sobre a Libras todos tem a noção de que ter o domínio sobre essa língua é muito importante para tal situação. Todos mostraram interesse em, de algum modo, buscar meios para incluir o aluno em sala de aula, “Não tenho domínio nem formação em Libras, mas buscaria formas de não prejudicar o aluno, buscaria dá a mesma atenção dos demais ao aluno portador da necessidade especial.” (Biologia);

Buscar soluções que não prejudique ambas as partes, meios de ensinar, aprendendo. Buscar ajuda de outros profissionais, a colaboração da escola e da família. O mais importante é não excluir o aluno, não fingir que ele não está presente como é a realidade de muitas escolas. (Letras).

4.3 Para além da sala de aula, inclusão é um movimento

- É sabido que a universidade dá ênfase às questões de aceitação e luta pela integração e pela inclusão para com a comunidade Lgbt, quilombola, indígena, negra, mas e para com o surdo? Você já participou de algum movimento de luta pelos direitos dos surdos?

Uma única vez participei em um evento no ano de 2017 o evento chamado “setembro azul”, o mês de setembro é destinado a pessoas com deficiência auditivas, a comunidade de forma geral só se preocupa com esta causa quando vivência na pele, caso contrário não generalizando mais a grande maiorias não dão importância e a tão sonhada inclusão não acontece. (História);

“Ainda não, como eu falei antes ainda falta muito que fazer, penso que a universidade ainda não está preparada.” (Pedagogia);

“Nunca participei e, acredito que com relação a minorias, deve haver igualdade de oportunidades para que ocorra essa inclusão e não somente

com demagogias políticas para fortalecer ideologias filosóficas progressistas.” (Matemática);

“Não, até o momento não presenciei nenhum movimento de luta pelos direitos das pessoas surdas.” (Química); “Não tive” (Física);

“Movimento” não. Mas a universidade de vez enquanto tem buscado criar eventos que viabilizem essa questão, embora, em minha opinião ainda haja um apagamento do setor responsável. Muitos estudantes não sabem que existe um Setor de Acessibilidade – SEACE, acredito deveria haver uma sistematização maior de divulgação e ações que pudessem trazer a questão da educação dos surdos com mais frequência dentro e fora.” (Letras);

Os dados parecem confirmar as informações apresentadas durante o estudo. É válido salientar que este trabalho não visa de forma alguma inferir ao professor a total responsabilidade de lecionar, promover a inclusão do aluno, dentre outras que podem ter ficado subentendidas no decorrer deste artigo, afinal, a escola e a família também tem papel importantíssimo, além disso, ressaltamos que é perceptível o avanço que a universidade conseguiu no decorrer dos últimos anos com relação à inclusão e luta pelos direitos dos surdos, também pontuamos que o problema abordado neste trabalho é comum a todas as universidades brasileiras, porém, pretendemos chamar atenção dos discentes, dos professores e da comunidade para essa questão que tem sido há muito tempo *esquecida* e que necessita de maior visibilidade e de possíveis soluções que possam surgir tendo como base a presente pesquisa.

O material coletado confirma a tendência que muitos dos futuros profissionais possuem de pertencer a uma parcela de professores que não conseguem promover a integração, bem como a inclusão dos alunos surdos com os demais, conseqüentemente o aluno surdo não consegue desenvolver-se em equivalência aos ouvintes, o que pode resultar e

inúmeros problemas, como a evasão escolar, o não ingresso a universidade, a continuidade e perpetuação de preconceitos, dentre tantos outros.

Felizmente, os entrevistados apresentam motivações para buscar, utilizando outros meios, o aprendizado da Libras como forma de possibilitar uma boa educação para o surdo. É visível a partir das respostas concedidas pela a mostra de alunos, que a universidade ainda não está preparada para lidar com essa questão, algo que pode ser explicado por ser considerada uma instituição nova e por não ter uma grande demanda de ingressantes surdos, dessa forma não busca promover ações mais eficazes para o ensino da língua de sinais na mesma.

Infelizmente, quando se fala de ensino para surdos, a universidade não forma um profissional capacitado para motivar, incluir e lecionar de forma qualificada, o que por sua vez, passa a ser um dos motivos da evasão escolar, bem como não gerar interesse para estudar em uma universidade e assim a inclusão e equidade de direitos vai se distanciando ainda mais.

Para concluir, pode-se evidenciar que os discentes que estão finalizando seus respectivos cursos ainda não possuem o domínio da língua de sinais, os mesmos também entendem que o componente Libras não é suficiente para atender a demanda de discentes e promover um conhecimento mais aprofundado, além disso, nenhum deles se sentem capacitados para atuar com alunos surdos quando estiverem inseridos no mercado trabalho. É importante ressaltar o quão importante tem sido o trabalho da professora Vanessa Teixeira de Freitas Nogueira, professora de Libras, citada por um dos entrevistados, assim como as pessoas que contribuem de algum modo para essa questão, uma vez que a mesma através do seu trabalho tem sido responsável por desconstruir preconceitos e estigmas sobre a surdez, além de ter despertado o olhar de seus discentes para essa questão.

De modo sumarizado pode-se dizer que, de acordo com as percepções dos oito entrevistados, a universidade não os prepara para o mercado de trabalho quando se refere à

inclusão, em específico, aos surdos. Dados que são compartilhados por todos os envolvidos na pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses resultados evidenciam o quanto é necessário que se amplie não só a carga horária da disciplina e o quadro de professores da mesma, mas também que haja a expansão de movimentos, programas e projetos que olhem para a comunidade surda, que vá para além das barreiras da universidade, que sejam criados projetos de extensão que dê oportunidade de atuação nas escolas de ensino básico, tal como no âmbito da UNILAB, promovendo palestras, encontros, oficinas, rodas de conversas e minicursos para que, mesmo de forma minimizada, seja proporcionado esse aprendizado que é tão importante para educação e inclusão de todos.

Observa-se que na grande maioria das vezes o conhecimento dessa língua só é ofertado para os surdos, e a partir dessa afirmação surge uma indagação pertinente, como objetiva-se a inclusão e integração dos surdos a sociedade, se a sociedade não possui domínio da linguagem do surdo? A Libras não deve ser ensinada apenas a comunidade surda, mas a população como todo, uma vez que a mesma é a segunda língua oficial do Brasil e deve ocupar tal lugar de destaque.

Esse estudo é muito significativo à medida que apresenta a sociedade o que é oculto, chama atenção e possibilita aos envolvidos na pesquisa, bem como aos que serão atingidos por ela, uma reflexão, *como eu estou me formando para lecionar para as mais diversas pessoas e não possuo capacitação para ensinar para essa diversidade? Ou como eu nunca parei pra pensar sobre essa questão se é algo que pode fazer parte da minha realidade quando eu começar a trabalhar, e não só, já que a comunidade surda não é composta por duas, três pessoas, mas por milhares delas?* Além disso, a presente pesquisa servirá de *pontapé* para outras que virão, servirá para chamar atenção daqueles que buscam fazer a

diferença, para aqueles que acreditam na equidade dos direitos. Essa pesquisa será de grande valia para todos os cursos da universidade, uma vez que se pretende desnaturalizar e causar questionamentos sobre o surdo dentro e fora da universidade, numa dimensão subjetiva dos fenômenos sociais do surdo, recolando a surdez como pauta a ser debatida na UNILAB. Dessa forma, teremos um movimento de luta e garantia de direitos dos surdos de maneira eficaz e transformadora.

REFERÊNCIAS

- BIOLOGIA. **Entrevista III**. [set. 2018]. Entrevistador: Bianca dos Santos Marques. Redenção, 2018. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora: Bianca dos Santos Marques.
- BOUVET, Danielle. *The path to language: bilingual education for children*. Filadélfia: Multilingual Matters, 1990.
- BRASIL. Lei nº 10436, de 22 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em: 19 de junho de 2018.
- CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. Educação inclusiva para surdos e as políticas vigentes. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos (Org.) *Tenho um aluno surdo, e agora?: Introdução à LIBRAS e educação de surdos*. São Carlos: EdUFCSCar, 2013. Cap. 3, p. 37-61.
- CARDOSO, Israel Gonçalves. Surdo-Mudo ou Mudo, Deficiente Auditivo ou Surdo: qual dessas terminologias pode-se adotar. *Revista Virtual de Cultura Surda*, n. 7, p.1-6, fev. 2016. Disponível em: <

azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20REVISTA%2017%20Israel%20Gon%C3%A7alves%20Cardoso.pdf> Acesso em: 15/10/2018

FÍSICA. **Entrevista VII.** [set. 2018]. Entrevistador: Bianca dos Santos Marques. Redenção, 2018. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora: Bianca dos Santos Marques.

HISTÓRIA. **Entrevista V.** [set. 2018]. Entrevistador: Bianca dos Santos Marques. Redenção, 2018. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora: Bianca dos Santos Marques.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 19, n. 46, p.68-80, set. 1998.

FapUNIFESP. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=en&nrm=iso> Acesso: 14/10/2018

JUSBRASIL. **Art. 59, inc. III da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96.** Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11686882/artigo-59-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LETRAS. **Entrevista I.** [set. 2018]. Entrevistador: Bianca dos Santos Marques. Redenção, 2018. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora: Bianca dos Santos Marques.

MATEMÁTICA. **Entrevista IV.** [set. 2018]. Entrevistador: Bianca dos Santos Marques. Redenção, 2018. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora: Bianca dos Santos Marques.

MOURA, Maria Cecília de. Surdez e linguagem. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Org.). **Tenho Um Aluno Surdo, e agora? Introdução à libras e educação de surdos.** São Carlos: EdUFSCar, 2013. Cap. 1, p. 13-26.

OLIVEIRA, Tatiana Novaes de. *A empatia, a sensibilização e a formação de professores do ensino público para uma inclusão efetiva de alunos com necessidades educacionais especiais*.

Trabalho de conclusão de curso. Rio Claro: Licenciatura em Ciências Biológicas/

Universidade Estadual Paulista, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/120326>>.

Acesso em: 16/10/2018.

PEDAGOGIA. **Entrevista VIII**. [set. 2018]. Entrevistador: Bianca dos Santos Marques.

Redenção, 2018. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora:

Bianca dos Santos Marques.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua brasileira de sinais, estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUÍMICA. **Entrevista VI**. [set. 2018]. Entrevistador: Bianca dos Santos Marques. Redenção, 2018. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora: Bianca dos Santos Marques.

ROSSI, Renata Aparecida. A Libras como disciplina no ensino superior. *Revista de Educação*, v. 13, n. 15, 2015, p.82-83.

SALES, A. M. et al. *Deficiência auditiva e surdez: visão clínica e educacional*. Seminário apresentado na Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, 2010.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. 34ª ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOCIOLOGIA. **Entrevista II**. [set. 2018]. Entrevistador: Bianca dos Santos Marques.

Redenção, 2018. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora:

Bianca dos Santos Marques.

STEWART, D. A. Pesquisa sobre o uso de língua de sinais na educação de crianças surdas,

In: MOURA, Maria Cecília. *at al; Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art, 1993.